

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal: CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor: Carlos Maria Coelho

FORÇA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V — Número 1.457
Quinta-feira, 23 de Agosto de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

A Moagem, com a colaboração do ministro da agricultura, realiza hoje um grande assalto aos bolsos dos consumidores

À MERCÊ DOS ABUTRES!

O governo está fazendo o jogo da Moagem: dá-lhe liberdade para aumentar o preço do pão e prepara-se para sufocar os protestos dos consumidores!

A Moagem pretende impor ao povo um preço de pão incompatível com os recursos da população trabalhadora.

O povo não deve pagar pelo pão mais do que o antigo preço!

Todos os consumidores devem comparecer hoje, pelas 16 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, a fim de assistir à reunião promovida pela U. S. O.

Nessa reunião deve o povo manifestar a sua vontade e assentar na acção a seguir em face do assalto dos ladrões!

A GRAVE QUESTÃO DO PÃO

A Companhia Portugal e Colónias pretende à viva força levar os industriais independentes a aumentar até ao inconcebível o preço do pão. — Os consumidores não devem consentir no roubo que a moagem está efectuando

DEFENDAMO-NOS!

Eis-nos nas garras aduças da Moagem. Se não formos energéticos, se não nos enermos de brio, se não tivermos a noção da nossa dignidade espinhada por um decreto governamental, enlaçada pelos potentados capitalistas, a Moagem julgar-se há senhora absoluta do país inteiro e tentará estrangular-nos.

O exemplo do povo de Santarém é digno de registo, é uma bella lição dada ao povo de Lisboa que tantas tradições de revolucionário possui.

A mesma energia que o povo de Santarém empregou, obtendo pronta satisfação das suas reclamações, deve empregar também o povo de Lisboa a fim de impedir que a Moagem nos estrangule, nos reduza à fome.

Não há a menor razão para que o pão encareça. Nunca houve tanta fartura de pão comparável ao que decorre. Se não existisse a especulação desenfreada do comércio, da burguesia que nos levou à ruína, o belo ano agrícola que atravessamos, os géneros sofreriam uma baixa extraordinária.

E' precisamente neste momento que a Moagem pretende aumentar duma maneira insuportável o preço do pão.

E' necessário, pois, que o povo lhe aplique o devido correctivo. Se nós, consumidores, nos revoltassemos às primeiras investidas dos ladrões não teríamos chegado ao estado de miséria em que nos encontramos.

A União dos Sindicatos Operários chama o povo a uma reunião que hoje se realiza na calçada do Combro, 38-A, 2.º. Ninguém deve faltar. Nem um só homem consciente deve hesitar em defender os seus interesses que são os interesses de toda a população.

E' HOJE!

E' hoje que a Moagem põe à venda os novos tipos de pão ao preço exorbitante de 2\$60, 1\$80 e 1\$00.

Que fará o povo em face de tamanha exploração?

Deixar-se há roubar sem premiar condignamente os ladrões?

AO POVO DE LISBOA

A União dos Sindicatos Operários, em harmonia com as resoluções do seu conselho de delegados, convida o povo de Lisboa a comparecer hoje, pelas 16 horas, na sua sede, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, a fim de assistir a uma reunião de

protesto contra o aumento do preço do pão e combinar a maneira rápida e energética de pôr cobro à roubalheira revoltante que a Moagem pretende levar a cabo.

Povo, defende tu próprio os teus interesses.

Favorecendo a Moagem

Os industriais independentes encontram-se indignados com a Companhia Portugal e Colónias. Este teima em forçá-los a impingir ao público o pão por um preço exageradíssimo.

Os industriais independentes declaram categoricamente fornecer ao público dois tipos de pão aos preços de 2\$00 e 1\$20, respectivamente a 1.ª e a 2.ª qualidades. Para isso bastaria que o Estado lhes fornecesse a farinha. Porém, a Manutenção Militar — numa atitude que pode ser considerada de cumplicidade com a Moagem — mostra má vontade em fornecer essa farinha.

A Moagem pretende impor-nos o

UM EXEMPLO A SEGUIR

O POVO DE SANTAREM

obriga os ladrões a manter o pão ao preço antigo. — Um grandioso movimento de protesto. — Greve geral na cidade. — O arrolamento de farinhas

SANTAREM, 22. — Estava anunciado para hoje o aumento do pão: o de 2.ª passaria de 1\$50 para 1\$80 e o de 1.ª de 1\$70 para 2\$00 cada quilo.

No mercado quando o movimento é enorme às 9 horas, as mulheres iniciaram, entre grande vozearia, os seus protestos contra os vendedores da praça. O camarada Manuel Rodrigues sobe a um banco e incita o povo a reunir-se e manifestar a sua repulsa pelo novo aumento. As mulheres então já agrupadas redobram de energia e correm aos sinos da cidade mantendo-os, durante uma hora, num consecutivo toque de rebate até que o povo operário, secundado os seus veementes protestos, unanimemente revoltado acordou do aviltante indiferentismo.

O povo abandona espontaneamente o trabalho

Dos campos começaram a afuir à cidade os trabalhadores e então em conjunto com o povo, numerosos grupos percorreram as padarias conseguindo, ordenadamente, a venda do pão pelo mesmo preço — 1\$50. Na padaria Aurora pretendia-se enganar o povo mas este

pão ao preço de 2\$60, 1\$80 e 1\$00, respectivamente de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades.

Mas agora preguntamos nós: Havendo cum vendida pão mais barato, porque motivo o governo não corta as garras à Moagem e contraria, ou não ajuda os padeiros independentes?

Indignação iníqua

Esprito indignação a beatíssima «Epoca» por um jornal ter feito notar o facto dos bispos ordenarem preços adiantados pluvium depois de os observatórios terem indicado mudança de tempo.

Chama a isto um gracinho de mau gosto. Engana-se. A observação foi até muito certa. Isto dos bispos pedir a Deus a mudança de tempo no momento em que ela ia efectuar-se, faz recordar aquele padre que em S. Tomé, enriqueceu a vender vento aos indígenas. Graço de mau gosto dirá a «Epoca». O padre em questão achou de muito bom

gosto organizar em S. Tomé o monopólio de vento para pretos. Se é, tal qual a água de Lourdes, dava dinheiro.

Avante!

De Sobral da Adiga escreve-nos Augusto Rodrigues de Miranda pedindo-nos que tornemos público que se desfilou da Franco-Maçonaria. Pelo tom em que a carta é escrita parece-nos que uma evolução natural das suas ideias lhe ditou essa resolução. Oxalá, portanto, sr. Augusto de Miranda, tenha abraçado ideias mais modernas e consentâneas com as mais amplas aspirações da nossa época.

padre em questão achou de muito bom

NOTAS & COMENTARIOS

Indignação iníqua

Esprito indignação a beatíssima «Epoca» por um jornal ter feito notar o facto dos bispos ordenarem preços adiantados pluvium depois de os observatórios terem indicado mudança de tempo.

Chama a isto um gracinho de mau gosto. Engana-se. A observação foi até muito certa. Isto dos bispos pedir a Deus a mudança de tempo no momento em que ela ia efectuar-se, faz recordar aquele padre que em S. Tomé, enriqueceu a vender vento aos indígenas. Graço de mau gosto dirá a «Epoca». O padre em questão achou de muito bom

gosto organizar em S. Tomé o monopólio de vento para pretos. Se é, tal qual a água de Lourdes, dava dinheiro.

Avante!

De Sobral da Adiga escreve-nos Augusto Rodrigues de Miranda pedindo-nos que tornemos público que se desfilou da Franco-Maçonaria. Pelo tom em que a carta é escrita parece-nos que uma evolução natural das suas ideias lhe ditou essa resolução. Oxalá, portanto, sr. Augusto de Miranda, tenha abraçado ideias mais modernas e consentâneas com as mais amplas aspirações da nossa época.

O regresso do Messias

Afonso Costa esteve no Porto. Passou nessa cidade como um meteorito. Muitos dos seus amigos nem assim de abraços presença privando-o das suas esperanças mais lucrativas para as suas aspirações de que demonstrativos da sua amizade. Porém os seus amigos da invicta se não deram pela sua presença dada a rapidez com que ela se transformou em ausência, deram em troca por uma coisa: na verdade muito preciosa — as suas intenções.

Segundo «O Primeiro de Janeiro» afirma, Afonso Costa, pensa em regressar à

Lêr na 4.ª página:

Agenda de «A Batalha».

Uma republica monarquica!

É a classificação que ao presente regime se deve dar em face das perseguições e arbitrariedades que se estão verificando.

O governador civil mandou ontem proibir todas as reuniões operárias!

Tal resolução ou foi ditada por uma loucura epilética, que ao chefe do distrito muita gente atribui, ou por simples malvadez.

Vejam o contraste:

As moagens tem liberdade de roubar, garantidas por lei, e aos operários nem mesmo a liberdade de reunião é permitida!

Proletários, defendei com energia o vosso pão e a vossa liberdade!

MISÉRIA & IGNORÂNCIA, L.^{da}

OS EMPREGADOS BANCÁRIOS

realizaram ontem uma reunião, tendo exteriorizado alguns uma grande vacuidade de pensamento. — A C. G. T. inspira terror a certos "papos-secos"

No Ateneu Comercial, reuniram ontem, em número aproximado de 400, os empregados de casas bancárias, a título de discutirem os estatutos de uma pretensa Federação.

Na qualidade de *miras*, fomos assistir, através de um artigo 3.º do supracitado estatuto, o qual estabelecia a adesão à Confederação Geral do Trabalho, lançamos um olhar pela assistência — sem pretensões a psicólogo — achámos-na demasiadamente fina para corresponder ao fim para que fora chamada. Gente moça, bonita, apanhada e monicuda, vivendo um meio de corrupção moral, dá-nos a dúvida de uma decisão fácil até à categoria de trabalhadores.

A nossa estranheza foi tanto mais justificável, quanto é certo que a C. G. T. não fora ouvida sobre a acção de que se trata, nem sobre a organização, cujos organizadores, numa errada concepção, supõem ser a central operária uma porta aberta para todos e todas. Demais, existindo já no seio do proletariado organizado uma Federação de facto e que agraga os trabalhadores do comércio sem distinção de categoria numa conjunção livre e natural do de cada um segundo as suas "faculdades".

Comença a sessão. Surge logo a interessante determinação de não ser permitido o uso da palavra a menores e o alvitre para que a sessão seja secreta. Um delegado da Federação dos Empregados no Comércio pede autorização para esclarecer a assembleia e uma parte da assistência com aquela intenção só própria da chamada, gente culta, não consente.

O que pretendia esse delegado? Apenas isto: Demonstrar aos empregados bancários, de que o galicismo o constitui-se uma Federação com sindicatos que ainda não existem e que já não podem existir dadas as condições estruturais e psicológicas dos interessados. Diria esse delegado que os bancários nada mais são do que caixeiros — à face da lei e da lógica — e como tais organizados em sindicato de localidade possívelmente, com as suas secções, já aceitando o princípio de luta de classes, como explorados que são e alguns

Conselhos gratuitos aos "cultos" empregados da "honesta" finança

Meus muito queridos amigos! A volta da vossa primeira assembleia, não resisto à tentação de vos escrever esta carta, — sem intuições, é claro, de os convencer, porque os meus bons amigos têm firme nas suas convicções... Não sou dos que, enérgica e veementemente, aclamam a Batalha e a Confederação Geral do Trabalho; Deus Nosso Senhor me livre de tal crime... Sei bem quanto vale a organização social em que vivemos para tocar-lhe... De modo que não há razão para duvidarem das minhas boas intenções.

Mas, vados à assembleia. Trabalhos de organização juvenil... católicos — um pouco protestante — impediram-me de assistir ao início. Cheguel, porém, no momento em que os meus tolerantes amigos apreciavam o artigo terceiro dos estatutos da vossa Federação Nacional dos Empregados da Finança.

A sala estava repleta. Admirável, meus bons amigos: conseguiram mobilizar a classe, — que veio certamente por todos os motivos, mas nunca por sentir necessidade de reclamar uma melhor e mais condizente situação. Ah! Mas, havia umas pessoas de monicudo e *cachucha* no duto, que valiam — parecia-me — um pouco mais pela obediência que a assembleia lhes consagrava. Um bom fato e um monicudo sempre nos tornam um pouco superiores...

O secretário lê: «A Federação adere à Confederação Geral do Trabalho». Ah! pai do céu! Os sr.s, fizeram tanto barulho...

Fora! Fora! — gritou aquele conspícuo cavalheiro de monicudo e mais alguns outros.

Os rapazes sindicalistas saíram aos gritos desordenados — que vergonha! — e um cavalheiro que nós conhecemos e, se tivermos tempo, havemos de felicitar, resolveu a questão: reprovou a pura e simples do artigo. E declarou que não tinha medo de ser espancado, por que já o tem sido muitas vezes! Bravo! E, por fim, o sr. presidente propôs que, por aclamação, fosse rectificada

deve realizar-se, em nome da Associação dos Caixeiros uma sessão de propaganda de A Batalha, estando indicados para falar os camaradas Santos Arranha e José Beney.

Quando o camarada Santos Arranha perante uma numerosa assistência ia começar a falar, um agente não lhe permitiu proibir a realização da sessão por ordem do governador civil.

Este procedimento revoltante que faz lembrar os odiosos processos da monarquia, indignou toda a gente e dá bem a medida de quanto tem retrogradado esta república de opereta.

A Associação de Classe dos Caixeiros, tendo, num legítimo direito de inquilino, cedido a sua sala de sessões para o fim acima indicado protesta contra a ingerência do governador civil nas suas atribuições administrativas e regista o democrático facto de se não consentir uma conferência operária e com fim altruísta, ao mesmo tempo que se permite que as juvenis monarquias e católicas se afigure o próximo advento da monarquia.

Também segundo informes que nos acabam de dar a polícia proibiu o comício dos inquilinos do Alto do Pina. Não se pode mais claramente defender os ladrões, se não tapando a boca aos roubados.

se confessaram, ingressariam na Federação dos Empregados do Comércio. Pois não, a assembleia continuou a sua rota, a rota da anomalia; e, como um assistente opinasse por que fossem ouvidos primeiro um delegado da Federação e da C. G. T., estabeleceu-se um sussurro de desaprovção, com «foras» à mistura, destacando-se uma criaturinha medíocre de inteligência, uma perna mais curta e monicudo no olho.

Há afirmações interessantes. Um orador afirma ser a classe de gente culta (sic) e basta-se a si própria; outro brada, convencido da sua importância, que a sua classe deve ter interferência nos negócios do país, visto que trata das finanças. Outro ainda, afirma que acima dos interesses da classe estão os interesses da pátria.

A afirmação enusa hilaridade e saltando o presidente por cima de tudo oferece a discussão o art. 3.º, adesão à C. G. T., o que é recebido hostilmente, enquanto que uma parte levanta vivas à Confederação Geral do Trabalho.

A assistência fica reduzida quasi às cadeiras e um elemento da direcção vai explicando que os sindicatos por cada casa bancária servem para estar desunidos e a Federação para os unir.

Se os patrões conhecem os seus componentes, dependem-os. — «E as direcções? — Os estatutos, diz outro... se se sabe quem os elabora está posto na rua». Alguém explica: — «Fazem-se às escondidas».

No entretanto, no terrasso, alguns empregados bancários, jogavam o «caxo».

Saimos bem convencidos de que a instrução se não pode confundir com a educação. Em intolerância, ignorância e miséria moral, nem uma assembleia de aulabistas.

Sejam justos: Da assembleia vimos uma parte que, numa demonstração de altivez de carácter, protestou contra os arruaceiros dos seus colegas e não escurulipou em, muito dignamente, se considerou com qualquer trabalhador manual, redmindo o nome de classe.

Felizmente, nem tudo é lama... Podem bater palmas, sr.s, banqueiros!

Se os empregados bancários ficarem «greves» arruaceiros o país! — disse-me muito bem, sr. do monicudo. Vou, cria, indicá-lo à direcção do Ultramarino para o premiar... Assim raciocinando, os sr.s não deviam sequer formar sindicatos, porque, quando se forma um tam perigoso agrupamento, vai-se, sem querer, até ao não daquela arma reivindicadora... Demais, sindicatos por banco... Oh! diabo, os patrões, assim, vão apontar-vos a dedo... Depois, uma Federação! Mas, isso é limitar o que os *bolchevistas* fazem! Ou a Federação havia de recorrer a meios extremos para alcançar uma mais digna situação para a classe, ou, encerrando-se na torre de marfim silenciosa, acabaria por morrer de inanição. Ora, a meu ver, a única atitude que os sr.s, devem tomar — nada sobre pelo conselho — é a de agardarem da justiça divina e da consideração paternal a bem-fazeria miséria que vos minora o sofrimento! Ajoelhai-vos, meus bondosos amigos; ajoelhai-vos!

Aqui tem, meus amigos, a minha opinião. Nada de Sindicatos! Preferível é continuar os vossos passeios noturnos pelo Bairro Alto, — o que em nada abala a formosa organização social em que vivemos... Os outros, não tem moral alguma; daí-lhe, pois, uma alta lição — ajoelhandos...

Muito obrigado amigo, — mas incapaz de ajoelhar também.

José ANTUNES

(empregado no comércio)

REUNIÕES PROIBIDAS

A polícia solicita em perseguir o operariado deixa os ladrões à solta

Conforme largamente noticiámos devia realizar-se, em nome da Associação dos Caixeiros uma sessão de propaganda de A Batalha, estando indicados para falar os camaradas Santos Arranha e José Beney.

Quando o camarada Santos Arranha perante uma numerosa assistência ia começar a falar, um agente não lhe permitiu proibir a realização da sessão por ordem do governador civil.

Este procedimento revoltante que faz lembrar os odiosos processos da monarquia, indignou toda a gente e dá bem a medida de quanto tem retrogradado esta república de opereta.

A Associação de Classe dos Caixeiros, tendo, num legítimo direito de inquilino, cedido a sua sala de sessões para o fim acima indicado protesta contra a ingerência do governador civil nas suas atribuições administrativas e regista o democrático facto de se não consentir uma conferência operária e com fim altruísta, ao mesmo tempo que se permite que as juvenis monarquias e católicas se afigure o próximo advento da monarquia.

Também segundo informes que nos acabam de dar a polícia proibiu o comício dos inquilinos do Alto do Pina. Não se pode mais claramente defender os ladrões, se não tapando a boca aos roubados.

REVOLUSIVOS

Nos bancos da capital há falta de numerário. Do Banco de Portugal, Emissor do fiduciário, Que tem enchido o boral.

Os banqueiros, sem virtude. Andam a brincar, com o E. com os cofres rapados. Não pagam nada a ninguém.

Quebram todos, pela espinha. Indo de vendas ao chão. E até, domingo à tardeinha. Com a falta de carvão. Quebrou-se um banco que eu tinha.

Não se vê nem uma nota. Vamos de mal a pior. Está em prigo a casa Tota E o próprio Soto Maior. Mas se aguenta co'a pieta

Desta enorme encravarão Só não saia a lata péca. De menos mal cotação. Que Abel Pereira da Fonseca Tem posto em circulação.

J. B.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas jurídicas

Hoje, das 21 às 23 horas, os advogados deste Secretariado darão consultas aos operários confederados, devendo estes apresentar as respectivas cadeiras confederadas em dia.

TEATRO MARIA VITÓRIA HOJE 2-SESSÕES-2 com a deslumbrante e espirituosa revista

FADO CORRIDO

A policia contra a população

Prosseguem as violências e as agressões

Quasi todos os jornais de ontem verberaram com indignação a atitude da policia. De facto Lisboa passa a ser uma vasta arena onde os policias praticam as suas brutais e ignóbeis facinoras. No Bairro Alto, então, tem-se praticado verdadeiras selvagerias sem que os seus autores sejam incomodados. O direito de agredir brutalmente, sem o menor motivo, está conquistado pela policia. Há entre ela, criaturas com cadastro que dão, à sombra da mais despiável impunidade, largas ao seu instinto criminal. Esses policias ainda se comprazem em ler os jornais que apontam as suas proezas, rindo-se cinicamente da indignação que eles manifestam.

Chegarão a tal ponto as violências policiaes que os jornais das mais diversas cores politicas e ainda os jornais de grande informação atacam vivamente a policia.

Ontem no insuspeito *Diário de Lisboa* o dr. sr. Alberto Mendes de Sousa deu de pois de afirmar que a policia constitua tal como está um perpétuo perigo, acrescenta:

«... é o banditismo organizado a dentro da sociedade, e munido com todos os meios, armas, autoridade, etc., para impunemente poder explorar essa mesma sociedade que se encontra assim desarmada e indefesa à sua inteira disposição».

«Viana» e «Varino»

Veu à nossa redacção o operário

marítimo Urbano Vicente que nos re-

feriu a seguinte violação de que foi vítima:

«Há dias, quando se encontrava dormindo numa casa da Travessa da Boa Hora, fui inesperadamente acordado às espaldradas que lhe foram vibradas pelos policias da esquadra das Mercês conhecidos pelos sobrenomes de «Viana» e «Varino», policias estes cujas proezas tem sido referidas e combatidas pela maioria dos jornais. Depois de agredido fui insultado e como em resposta a um dos insultos retorquise que vivia do seu trabalho, foi novamente agredido, intimado pelos tais policias-desordeiros a acompanhá-los à esquadra foi novamente agredido quando se encontrava na rua, e foi levado ao quartel de policia».

Na esquadra os tais agentes, com a estupidez que corre parelhas com os seus maus instintos, para encontrar um pretexto para justificar as suas cobardissimas brutalidades, alegou que o agredido tinha falado na *Batalha*. A alegação além de estúpida foi mentirosa.

O cabo da referido esquadra mandou Urbano Vicente em liberdade com esta ameaça: «Se não vieres amanhã ao quartel de policia, vou buscar-te a casa por um orvalho».

Como se vê *Viana* e *Varino* autores de desordens, violências e agressões tem quem os aplauda e, consequentemente quem os incite a proseguir.

O sr. commissário geral da policia não sabe o que se passa, ou entende que *Viana* e *Varino* tem o direito de vexar, perseguir e açoitarem?

Urbano Vicente mostrou-nos as contusões produzidas pelas agressões que comprovam a crueldade desses guardas geralmente odiados.

Mais uma brutalidade

Abel Lopes de Albuquerque, estivador, viu à nossa redacção queixar-se de que, tendo-se dirigido ontem às 8 horas ao Governo Civil acompanhado duma filha de 10 anos, a fim de visitar um seu cunhado que se encontra preso, o policia de serviço junto à porta que dá acesso ao corredor dos calabouços, por que lhe levava na mão um sacco com um pequeno farnel, apodou-o de bomista e atirou-lhe um eu contrao tão brutal que o queixoso caiu prostrado no chão, bem como a criança que o acompanhava.

O conflito marítimo de Sines

Nota officiosa da Federação Corticeira

Este organismo notifica aos sindicatos corticeiros e em especial aos de Lisboa e arredores, que a Federação Marítima resolveu boicotar todos os cargos de Sines, em virtude de não estar ainda solucionado o conflito existente há meses naquele porto entre o pessoal marítimo associado e os comerciantes, industriais e agentes de navegação, que persistem em negar o trabalho ao mesmo pessoal.

Compete, portanto, aos referidos sindicatos, prevenir todos os termos de cargas e descargas nas fábricas de corticeira de que não devem trabalhar em carregamentos provenientes dos destinos a Sines, enquanto a Federação Marítima não der a luta por lida.

Funcionalismo público

Um numeroso grupo de engenheiros civis e auxiliares de obras públicas procurou ontem o ministro do comércio para tratar da interpretação que a repartição de contabilidade do ministro está dando às últimas leis respeitantes à melhoria de vencimento.

Amanhã

— NO —

Nacional

Primeira representação

O Cabeça de Turco

Espirituosa comédia-farça

que obteve

o maior dos sucessos

em toda

a ESPANHA

A ocupação do Ruhr

O separatismo renano auxiliado pela França

COLÓNIA, 22. — Aumentam as tendências separatistas. Os franceses favorecem claramente essas tendências indo até ao ponto de permitir aos partidários da separação que se armem para defenderem os seus propósitos.

As exigências francesas

LONDRES, 22. — A resposta francesa à nota inglesa sobre a questão das reparações e da questão do Ruhr deve ser entregue em Downing Street, hoje de manhã. A réplica compreende um novo plano definitivo de reparações. A França sugere que a Alemanha devia ser compelida a pagar um total de 2.600.000.000 de libras esterlinas, assim dividido: Inglaterra, 720 milhões, para o que a Inglaterra deve aos Estados Unidos; por conta da França, 1.300 milhões. Na mesma nota se diz que o inquerito à capacidade alemã do pagamento é desnecessário e que se a Alemanha garantir o pagamento da soma mencionada por empréstimos ou por qualquer garantia positiva de ordem financeira, a ocupação do Ruhr terminará em curto prazo.

As reparações e o auxílio dos Estados Unidos

WASHINGTON, 22. — O senador Booth, depois de regressar da Europa, teve uma entrevista com o presidente Coolidge. Declarou-lhe que o problema das reparações só pode ser resolvido quando os países interessados compreendam que o que está em jogo são princípios económicos e não princípios políticos. Mostrou-se de opinião que a questão das reparações será resolvida dentro de breve tempo mas que o dinheiro para regular essa questão deve no fim de todas as discussões ser pedido aos Estados Unidos.

Francisco Cristo

Na última assembleia realizada na 2.ª secção (Arrábida) do S. U. Metalúrgico do Porto foi aprovado um voto de sentimento pela morte deste saudosos militante operário, tendo a assistência guardado, de pé, dois minutos de silêncio.

OS PRESOS

S. U. da Construção Civil

Das quotas promovidas por este organismo em auxílio dos presos sociais, foi já recebido o produto das seguintes listas:

Do pessoal das obras da Morena, 36\$55; Cooperativa dos Cantieiros, 10\$50; Oficina da Calçada Marquês de Taúcos, 18\$50; Jaime Lima, 6\$00; Obras das Cortes, 12\$40; Por António Arioiz e Avelino dos Santos, 22\$40; Obra do Coiseu por Manuel Pereira, 14\$00; Na rua Domingos Sequeira, S. I. A. (garage), 9\$25; Obra do Manicócio, Campo Grande, 47\$45; Oficina Diamantino B. Branco, 29\$40; Entregue pela Secção dos Mecânicos em Madeira, 158\$90; Francisco Luis, obra do Toje em Entre-Campos, 11\$30.

Convidam-se os camaradas que ainda não liquidaram as listas que lhe foram distribuídas, a fazê-lo o mais breve possível.

2.ª Secção (Arrábida) do S. U. Metalúrgico do Porto

PORTO, 14. — Reuniu a classe metalúrgica na 2.ª Secção, Arrábida, em reunião magna, para protestar contra a prisão de camaradas em Lisboa.

Falaram diversos camaradas de outras classes, sendo aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

«Protestar energicamente contra as prepotências das autoridades republicanas.

«Estar de sobre-aviso para qualquer movimento que a U. S. O. ou a C. G. T. leve a efeito».

Em S. Tiago do Cacém

SANTIAGO DO CACÉM, 18. — Um grupo de operários concientes, representando todas as classes desta localidade, realizaram, na sede do Sindicato Rural e com a presença de avultado número de camaradas desta classe, uma sessão de protesto contra as perseguições feitas em Lisboa aos elementos operários, resolvendo-se prestar toda a solidariedade a qualquer movimento tendente à libertação dos presos por questões sociais.

O camarada José Lopes, preso em S. Tiago da Barra, pede a visita que, no domingo passado, levou por engano uma camisa, umas ceroulas, um par de meias e um lenço, o favor de lhe devolver estes artigos, que são pertença sua.

TEATRO S. LUIS

HOJE HOJE HOJE

LA GOYA

Uma artista que não precisa de recomendação especial no

Fado Corrido

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã o conselho confederal pelas 20,30 horas, para se ocupar de assuntos da mais alta importância para a organização.

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico de Lisboa. — No número de A Batalha de sábado 19 do corrente, veio publicada na Vida Sindical, uma nota em que dava conta de que na reunião da comissão administrativa, entre outros assuntos tinha resolvido convocar a assembleia geral para hoje.

A comissão administrativa comunica que o facto obedece a uma grialha de composição, pois que a mesma nota se referia à comissão administrativa do Sindicato Unico Metalúrgico de Almada.

CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica. — Para dar início aos trabalhos de que ficou incumbida na última reunião do Conselho reúne hoje a comissão administrativa.

Federação Corticeira. — A comissão administrativa resolveu comunicar aos fiscais de cortices de todo o país que já foi despatchado o pagamento dos vencimentos em atraso.

S. U. da C. Civil. — Secção profissional dos pintores. — Mais uma vez são convocados os componentes desta secção a reunir em assembleia geral, hoje, pelas 20 horas, a fim de, entre outros assuntos, apreciar a tabela apresentada pelo Conselho de Secções e sobre darem o seu parecer.

Conselho Administrativo. — São convocados os delegados das secções a este conselho a reunir amanhã, pelas 20 horas, sendo necessária a presença de todos em virtude da importância dos assuntos a tratar.

Secção dos Pedreiros. — Reúne hoje às 20 horas a comissão revisora de contas.

Trabalhadores de Teatro. — Reúne hoje pelas 17 horas, a assembleia geral, para discussão e apreciação de vários assuntos que interessam aos artistas e empresas e eleição do secretário geral.

Sindicato Ferroviário. — Reúne hoje, pelas 21 horas a comissão administrativa para tratar de assuntos urgentes e inadiáveis, não devendo faltar portanto nenhum dos seus componentes.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

S. U. Metalúrgico de Almada. — Para se tratar duma circular da C. G. T. sobre as internacionais a seguir reúne hoje, pelas 17 horas, a assembleia geral, assistindo um delegado da Federação. Que nenhum camarada falte.

Fazendas de lá para verão o Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 2.º andar

tem sempre uma grande variedade de tecidos em lá e estambré que vende directamente ao preço da fábrica

Manda amostras ao domicilio que podem ser pedidas pelo

TELEFONE N. 4670

Lá em fio para malhas.

Filial rua do Ouro, 206 e 203

LOJA DA AMERICA

Tem alfaiate

A questão do inquilinato

Juntas de Freguezia

Reúne ontem o Conselho Central juntamente com as comissões do inquilinato e de assistência, tendo tomado conhecimento de mais adesões que recebeu ultimamente sobre inquilinato, tendo apreciado detidamente este questão e outros assuntos, entre os quais o abastecimento do carvão e o programa mínimo de assistência, resolvendo submeter-lhes à apreciação das Juntas na sessão plenária que hoje se deve efectuar na Câmara Municipal.

Reúnem hoje pelas 21 horas, na Câmara Municipal, em sessão plenária as Juntas de Freguezia de Lisboa, para tratar da questão do inquilinato, abastecimento de carvão e programa mínimo de assistência.

Passeios e excursões

A Sintra, Colares e Praia das Maças

Poucos bilhetes restam já para a magnífica excursão, em comboios, a estas localidades que o S. U. Metalúrgico realiza no próximo domingo, devendo portanto, apressar-se a ir requisitar à sede do mesmo sindicato os retardatários que não querem deixar de assistir a uma tão bela festa de confraternização operária.

Como temos anunciado, e convém aos excursionistas não esquecer, a partida efectiva se da Rotunda às 6.30 horas e o regresso, de Sintra, às 18 horas, sendo o preço dos bilhetes de 12\$50 e destinando-se o produto a custear as aulas e vários melhoramentos a realizar na secção do sindicato.

UM MOVIMENTO JUSTO

O pessoal da E. P. L. retoma hoje o trabalho

O movimento de protesto do pessoal da exploração do Porto de Lisboa prosseguiu ontem sem interrupções. A paralisação nos entrepostos foi geral.

Pouco depois das 17 horas, realizou-se no sindicato do pessoal uma reunião magna que esteve extraordinariamente concorrida. A comissão de melhoramentos declarou à assembleia que o conselho de administração da E. P. L. só daria resposta às reclamações formuladas depois do pessoal retomar o trabalho. Falaram a seguir vários oradores, sendo por fim resolvido retomar hoje o trabalho a fim de que o conselho não possa acusar o pessoal de agravar propositalmente a situação.

Quando, na sessão ontem realizada, André Gonçalves, que é galego, expunha o seu modo de ver sobre a conduta a seguir pelos seus companheiros em face da atitude assumida pelo administrador Jacinto Simões, o representante da autoridade proibiu-o de continuar usando da palavra por ser estrangeiro...

El' para lamentar que alguns dos assistentes tivessem apoiado a insólita proibição, demonstrando assim uma deploável inconveniência e uma profunda ignorância sobre as ideias internacionalistas que hoje animam o proletariado de todo o mundo.

A classe volta a reunir hoje, às 19 horas, para apreciar a resposta do Conselho de Administração e deliberar o caminho a seguir.

A Companhia União Fabril

está preparando um verdadeiro temporal com as suas violências

Esta Companhia é aquela que sempre mais tem procurado escravizar os operários que lhe emprestam o seu esforço e que ali não tem a situação de homens livres, mas sim a de escravos, pois que é a única onde ainda há o regime das dez horas de trabalho!

Para prova conclusiva da minha afirmação, vou relatar um caso há poucos dias ali passado na fábrica Sol e que é o seguinte:

Há dias morreu um camarada, operário antigo daquela fábrica e que foi acompanhado para o cemitério da Ajuda por bastantes camaradas que assim quiseram prestar a última homenagem ao morto. Chegados que foram ali, no momento propício, um antigo companheiro do extinto, também da C. U. F., julgou oportuno fazer algumas considerações e, abeirando-se da campanha da palavra e referindo-se, entre outros factos, à luta de todos os dias travada pelos trabalhadores contra o capital, em termos, já se sabe, pouco lavouráveis a este último, como não podia deixar de ser.

Pois foi o bastante para que no dia seguinte fosse suspenso imediatamente (como se não soubéssemos o que isso quer dizer), sem consideração pelos filhos, pela companhia, por coisa alguma! entregou-se assim um homem nos braços da miséria só porque teve o desasombro de fazer algumas verdades, não querendo pactuar com a infâmia! só porque teve a honrabilidade de beneficiar exteriorizar o que sentia; desaceretando a consciência.

Tem-se semeado e continuam semeando frutos venenosos — e, nisso, a C. U. F. tem sido prodígia. A borrasca, há de explodir, sem dúvida, e com violências desconhecidas que muito bem poderiam ser evitadas se a burguesia quizesse.

O povo, à força de tanto sofrer, já não alberga a candidez na alma e

A FALTA DE NUMERÁRIO

O pão, os ovos, o bacalhau, a água e a habitação. — Uma desorganização organizada. — O empréstimo e os banqueiros

PORTO, 20. — Não há dúvida de que tudo quanto se está desenrolando das esperanças, esperanças de tristeza, de torturas, de miséria como ainda não sentíamos...

É a derrocada social, visto que se não trata de um assunto restrito a este logar, povoado de muitas casas, num constante vai-vem de móveis e de móveis de novos e velhos caseiros?

Inconscientemente não é outra coisa... Mas o que o proletariado de cá vai notando, com maior ou menor poder de visão, é que essa derrogação vai atingindo um elevado grau de velocidade que desassossegou os mais optimistas, mesmo burgueses...

As cores tornam-se mais realistas, à medida que se aproxima o fim das canículas, que bem poderia ameaçar tornar a população trabalhadora.

O pão, como é sabido encareceu e visivelmente se um prenúncio de novo encarecimento; o bacalhau, que palmilha sempre na esteira da carne, guindou mais uma percentagem para maior; os ovos, como as galinhas atravessam uma época de estar no chão, foram para riba; o petróleo, visto que os dias galgam o seu declínio, prepara o seu avanço de preço, embora para se encontrar uma caixa de fósforos, para provocar a combustão desse petróleo, tenhamos de percorrer a cidade inteira em side-patá...

Mas se for só isso...

E que não bastava já o ininterrupto encarecer dos géneros essenciais à existência; é que já não era suficiente a formatura progressiva dos trus acaparamentos; é que ainda era pouca coisa a escassez da água imposta pelo nosso Carlos Pereira; é que ainda não se completava o quadro com a demolição, pela Câmara, duma porção de casas num momento em que a questão do inquilinato aconselha a edificação prévia de palácios antes de se destruir os insipientes que existem...

Era preciso que a calamidade se tornasse maior, que o futuro se nos apresentasse mais plumbeo...

Pois as excelsidades administrativas do nosso regime capitalista encontram a fórmula atrozadora a falta de numerário, conquirindo a circulação fiduciária seja reconhecendo pavorosos...

Devido a essa falta de numerário, anuncia-se uma tremenda crise de trabalho, atirando-se para a rua com milhares de famílias...

As administrações duma grande par-

te de fábricas e oficinas, para pagarem férias aos seus operários, costumam ir aos bancos levantar dinheiro. Os bancos, por falta de numerário, não o tem descontado como era para desajar alguns industriais não pedido dinheiro emprestado a vários amigos a fim de satisfazerem os seus compromissos...

Há uma infinidade de negociantes, de preferência milicianos, que traíam por meio de letras como é mister ao mercantilismo...

Logo, a continuarem as coisas neste pé, a crise é eminente; já há mesmo alguma...

Nada mais risinho do que esta situação. Muito bem: géneros a subirem de preço constantemente, trabalho a escassear de par e passo com tal subida. Entre a espada e a parede...

Que fazer? pergunta-se com certo entendo de consternação. Alguém responde com filosofia decisiva: Deitam-se todos da ponte ao rio, de novo coalhando o Douro de cadáveres, como a invasão do Porto pelos franceses. Porque isto é uma invasão: a invasão da incompetência capitalista, do egoísmo e do tráfico, que como todas as invasões, traz a miséria, a morte, o luto...

Ou então seguir este caminho, (de acordo com o restante país operário), bem mais nobre do que o do suicídio, que é uma trágica modelação da covardia da Revolução, que a burguesia tanto mede de dela, mas que a provoca cada vez mais...

A falta de numerário será devida a todas as semanas o papel encarecer, sob o pretexto da sua não abundância — impossibilitando assim que os preços da Casa da Moeda gemam ao transportar os lidos desenhos para os quadriláteros ou oblongos papéisinhos...

As opiniões, cá na terra, divergem. No dizer de uns, trata-se dum caso, como tantas outras, espelhação bancária...

Na opinião de outros, não é nada disso: a origem do mal está numa manobra dos reaccionários e monarquistas perturbadores, os quais, para criarem dificuldades à República, indispõem o povo contra ela e facilitando melhor a reviravolta, tem transferido para o estrangeiro toneladas de papel-moeda, graúdo, depois de lá terem acambaraço o cobre, a prata e o ouro... Supõe-se haver nisto uns visos de verdade...

No raciocínio de outra gente, outra

A BATALHA

Propaganda sindical

Uma palestra de Alberto Dias em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 20. — De regresso de Alcains, esteve nesta cidade, no dia 17, o camarada Alberto Dias, que, em nome da Federação da Construção Civil, ali fora inquirir das paragens feitas à classe trabalhadora.

A noite realizou uma palestra na sede do Sindicato, a qual esteve muito concorrida e a que presidiu Mendes Gomes, secretário do P. M. Caetano e J. Duarte.

Alberto Dias começa por congratular-se por ver a maneira como a classe trabalhadora, sem que para tal se tivessem feito avisos especiais, soube comparecer na reunião em número tão elevado. Referindo-se à acção dos sindicatos, diz que eles tem um papel importante a desempenhar no futuro da sociedade, mas que para isso é preciso que sejam frequentados, pelos operários para dentro deles se instruírem convenientemente. Descreve depois a situação financeira do Construtor, órgão da classe, que devido a circunstâncias várias, não tem podido publicar-se, esperando contudo que com a boa compreensão dos seus deveres que a classe tomará, brevemente reapareça, a fim de trazer a mesma classe bem em contacto, do norte ao sul do país. Recordando-se a lista de acidentes no trabalho, glória a boa intenção de Estevam Vasconcelos, condenando, no entanto, os políticos que, para darem uma satisfação à burguesia, desvirtuam essa lei, que já estaria completamente posta de parte, se não fosse a persistência da organização operária. Esta legislação — acentua o orador — deve-se aos sacrifícios feitos pelo operariado desde longínquas datas, o mesmo acontecendo com a conquista das oito horas de trabalho. Salienta depois a acção dos camaradas de Alcains, pela maneira brilhante como souberam conquistar esse direito, que os vândalos e os reaccionários lhes queriam negar, julgando-se ainda senhores do operariado, como antes de se fundar o seu sindicato. Faz um ataque cerrado contra os causadores da carestia da vida, dizendo que a classe operária já tem inutilmente apresentado ao Estado medidas eficazes para a atenuar, mas conta que a acção do operariado se continuou organizado fortemente, há de meter tudo isto no ordem.

João Parra saudou a Federação na pessoa do seu secretário, e é de opinião que as cotas do sindicato sejam aumentadas para \$40, a fim de se dar melhor poder correspondente ao fim para o qual foi criado. Lamenta que o mesmo até hoje não tenha assinado A Batalha, mas em ocasião de se estar sempre em minoria. Hoje, que a classe reunida em número elevado, propõe que se manifeste nesse sentido. Consultada a assembleia foi aprovado por unanimidade que se faça a assinatura. Por último fez uso da palavra o correspondente de A Batalha, que fez salientar o papel do nosso jornal na imprensa, denunciando asserções daqueles operários que inconscientemente não compram o órgão operário para comprarem os jornais burgueses que são de especulação financeira. A sessão terminou aos vivos à F. C. C., C. G. T. e à Batalha.

TEATROS E CINEMAS

Notícias

Está tudo assente para que se realize no próximo sábado, no Avenida, a primeira representação desta época, da «Revista de Praxedes», de André Brun, que vai posta com o mesmo deslumbramento de cenários, guarda roupa, adereços e «mise-en-scene» que se exibiu no S. Luís na última época de verão.

Está sendo aguardada com o maior interesse em Setúbal, a notável Companhia Lucília Simões, que, no Teatro Recreio do Povo, vai realizar 3 únicos espectáculos, no domingo, segunda e terça-feira próximos. As peças que representará são «A Zazá», «A Carta Anónima» e «A Rajada».

Reclames

Todos quantos estão em Lisboa, ou vem aqui de passagem, não deixam de frequentar o Apolo, para apreciar a delicada peça «As Pupilas do sr. Ritor», a encantadora obra extraída do belo romance com igual título, de Júlio Diniz, e que a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho interpreta com todo o relevo e brilho. Hoje repete-se esta peça.

Continua a ser a peça preferida pelo público a revista «Fado Corrido» que está em scena nos teatros Maria Vitória e S. Luís.

O Avenida Parque à rua do Salitre, continua sendo um belo sítio de recreio lisboeta, onde estão instalados numerosíssimos divertimentos, dos que o público mais aprecia, e onde tem entrada gratuita as senhoras e crianças.

CARTAZ

S. LUIS — A 21.30 — «Fado Corrido». PULTEAMA — A 3.15 — «Alma forte». APOLLO — A 2.15 — «As Pupilas do sr. Ritor». EDEN-TEATRO — A 21.30 — «Especulo de variedades estrangeiras». MARIA VITÓRIA — A 21.30 e 22.30 — «Fado Corrido». GIL VICENTE — A 21 — «Flora».

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII) — A 21.30 e 22.30 — Companhia de circo e variedades. — Vacas bravas. AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — «Reclamação de variedades estrangeiras». SALAO FOL — A 21.30 — «Animatograto». CHADO TERRASSE — A 21 e 22.30 — «Animatograto».

CONDÉS (Avenida) — Animatograto. CENTRAL (Avenida) — Animatograto. CINEPARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatograto. IDEAL (Loreto) — Animatograto. ROSSIO (Arco da Bandeira) — Animatograto. CHATELAIN (Avenida) — Animatograto. PIOMOTORA (no Calvário) — Animatograto. EDEN-CINEMA (Alcântara) — Animatograto.

A BATALHA

na provincia e nos arredores

MEXILHOEIRA GRANDE

20 DE AGOSTO

Um caninador por sistema

O ajudante do registo civil desta localidade, correspondente do Diário de Notícias, informou no número de 17 do corrente deste jornal (que o chefe da estação ferroviária da Mexilhoeira Grande, tem aplicado leis de excepção, o que já tem dado lugar a conflitos sérios que se agravarão se não for posto cobro a tais abusos).

Esta criatura tem por hábito criticar todos os funcionários públicos desta localidade, pondo sempre em evidência as criaturas sérias e honestas.

Em tempo fez uma queixa da encargada da Caixa Postal, alegando que ela abria as cartas, as quais não entregava a horas, e que mandava a mala, pelo estafeta, mais cedo do que a hora regulamentada.

Sendo tudo isto inventado, deu origem a que aqui viesse um representante dos correios e telégrafos que apurou tratar-se de falsidades.

Depois de se meter nas atribuições da junta de paróquia alegando falsos e injuriosos factos, com o fim de indispor os seus membros, este cavalheiro fez colocar pasquins nas esquinas das ruas, com referências caluniosas à professora oficial desta localidade, que é muito estimada pelo povo, e já se conserva aqui há 28 anos.

O chefe da estação é um camarada de boas qualidades e um funcionário cumpridor dos seus deveres, sendo muito estimado pelo povo da Mexilhoeira Grande, e não tendo até à data provocado o menor conflito, dentro do exercício das suas funções.

O oficial do registo civil, porém, não goza simpatia alguma e como o chefe referido o não deixa entrar na estação se não quando venha embarcar ou desbarcar algumas remessas, eis o motivo por que ele deu para o Diário de Notícias, a informação que reproduzimos.

O figurão que tanto critica os outros faz esperar horas e horas os que precisam dos seus serviços, fumando cigarros e lendo jornais, indo depois fazer a barba. Outras vezes alega não serem horas, aplicando multas. Ao povo honrado que lhe paga, tem ele chamado selvagens e prelos!

Chamamos a atenção do oficial do registo civil de Portimão, para que este seu delegado seja mais correcto para com o público.

VENDAS NOVAS

18 DE AGOSTO

O aumento de salários aos corticeiros

Sobre este assunto publicava A Batalha dos dias 10 e 15 do corrente umas referências à classe corticeira das casas Macarro, Bandarra e Borregos, às quais temos a acrescentar mais o seguinte: As casas Macarro e Borregos só na semana passada pagaram aos quadradores e menores o aumento de salário oferecido pela Secção Industrial de Cortiças, em acordo com a Federação Corticeira Nacional, que devia ter sido pago na semana transacta.

Sobre a casa Bandarra mantemos a palavra de traidores à classe de quadradores que ali trabalham, porque desde que passaram a trabalhar por conta da casa deviam imediatamente requerer o aumento de salário que foi conquistado pelos nossos camaradas de Almada e mais localidades, com bastantes sacrifícios. Se não querem receber o aumento de salário porque se queixam às vezes que ganham pouco? Ou será para que o patrão mais tarde os acite como sócios da casa? Porque ganham mais que nas outras casas é por isso que não requerem o aumento de salário? Ignoramos os motivos.

A casa Bimbo & Irmão estava pagando às facheiras o preço de 936 e quando souberam que tinha sido autorizado o aumento de salário baixaram os preços para 890, dando em resultado o pessoal só ter sido aumentado em \$14, visto que com o aumento ficaram a ganhar 950. Será para que com o suor dos seus operários beberem mais uma cerveja?

COVILHÃ

17 DE AGOSTO

A Associação Industrial e a classe têxtil

Desde o último movimento grevista pró-aumento de salário que o operariado desta indústria vem atravessando uma situação melindrosíssima.

Apesar de o movimento fracassar, o operariado não tem descurado as suas justíssimas reclamações perante a Associação Industrial, que ultimamente tem tido, sem resultado, várias reuniões pa-

ra estudar a forma de atender as reclamações do operariado.

Os industriais, reunidos, resolveram elaborar uma nova tabela sem que a Associação dos Operários Têxteis fosse consultada. Essa tabela não traz benefício algum para os operários e se fosse posta em prática viria prejudicar muitos deles que recebem mais do que a tabela actualmente em vigor.

A direcção dos operários têxteis, tendo conhecimento do que na sombra se trama, convocou a classe para uma importante reunião, a fim de se pronunciarem sobre a atitude da Associação Industrial, tendo sido nessa reunião rotundamente as tentativas dos industriais.

A Associação Industrial, de acordo com a Confederação Patronal, parece negar-se agora a reconhecer a associação dos têxteis com quem até hoje sempre tem negociado o aumento de salários.

As tabelas deviam começar a vigorar desde o dia 13, mas o operariado há de saber cumprir o seu dever, acatando as deliberações da sua última reunião, e lançando-se de novo na luta se tanto for preciso.

TORRES NOVAS

20 DE AGOSTO

Infame exploração

Está-se aqui traindo vergonhosamente o horário de trabalho, havendo o dia onde se trabalha 12 e por vez 13 e 14 horas por dia!

O industrial novo-riço Abílio Pereira dos Reis é quem mais se destaca na torpe exploração exercida sobre os operários, tendo um encarregado que, sendo noutro tempo um militante, não sente escrúpulos, hoje, em cometer maiores e mais revoltantes arbitrariedades em benefício do patrão, que é gratificado anualmente, por saber ter nele um autêntico lacão.

É lamentável que o operariado desta terra se sujeite, sem um gesto dignificante de revolta, a trabalhar em condições de verdadeira escravidão.

PORTO DE MÓS

21 DE AGOSTO

Falta de taxas postais — Agricultura — Estradas

Há dias que nesta vila não aparece a venda dos selos postais, o que muito prejudica o público; que está impossibilitado de tratar dos seus interesses por intermédio do correio.

Ignoramos porque tal acontece. Se sabemos que tal falta acarreta muitos embargos, principalmente aos pobres que não podem utilizar-se do telegrafo. As requisições não serão feitas a tempo? Não serão atendidas quando o dever ser?

Nas freguesias de Alvedros e de Alcaria uma terrível epidemia tem tomado todo o gado suíno, causando assim avultados prejuízos aos lavradores.

O sol continua crestando a terra horrivelmente. As oliveiras e as videiras estão, devido à intensidade do calor, num estado lastimável.

A estrada de macadam, desde a freguesia de Mira até à vila de Batalha, encontra-se num estado lastimável. Para o inverno tornar-se há intratável se primeiro não for concertada.

Classes que reclamam

Operários cerâmicos

Reúnham ontem em assembleia geral para apreciarem a reclamação de aumento de salário, sendo resolvido em virtude dos industriais se negarem terminantemente a satisfazerem essa reclamação justíssima, volta a reunir no próximo domingo, pelas 15 horas, para então definitivamente se resolver o caminho a seguir.

DESPORTOS

Sport-Lisboa Carquejas

Realizou-se a excursão do grupo «Os Carquejas» durante a qual se efectuaram várias provas desportivas. Estas foram efectuadas em Sintra, no Campo dos Seteais. No final foi aprovada a saudação à A Batalha.

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa dos Canteiros. — Reúne hoje em assembleia geral, às 20 horas, para eleição de cargos e outros assuntos, não devendo ninguém faltar, em virtude da importância dos assuntos a tratar.

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Na sala de observação, do hospital de S. José, deu entrada, em estado grave, Manuel Lopes, de 33 anos, servente residente na travessa de S. Miguel, 10, 1.º, que, nas obras do edifício do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, foi colhido por uma pedra, que lhe fracturou a coluna vertebral.

Atropelamento

Depois de receber os primeiros socorros no pólio da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, recolheu à sala de observação, do hospital de S. José, Francisco Bento Picarro, de 50 anos, residente na calçada Marquês de Abrantes, 45, 3.º, que, na praça do Comércio, foi atropelado por um automóvel, ficando contuso pelo corpo e com uma luxação na anca esquerda.

Tentativa de suicídio

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, onde foi conduzida num auto de Cruz Vermelha, recolhendo depois a casa, Ana Alfonso Parra, de 47 anos, residente no Arco Escuro, 3, 2.º, que, na Amadora, tentou suicidar-se.

BANCO DE CARPINTERO E FERRAMENTAS

Vende-se. Rua do Linóleo n.º 22, loja (Das 18 às 19 horas)

Agremiações várias

Sociedade Protectora dos Animais. — Não tendo havido número no passado dia 13, fica adiado para o próximo sábado, pelas 21 horas, a 2.ª convocação, a assembleia geral ordinária, que se realiza na sede da Associação dos Empregados do Comércio e Indústria, rua da Palma, junto ao antigo Coliseu. O Conselho Director roga a comparecência de todos os associados.

Mano postal

Vale de Cavalos. — Agente. — Recebido 18555.

Tomar. — Agente. — Recebido 47800.

Desrespeitando o horário de trabalho

Comunicamos-nos que, na construção do caminho de ferro de Évora a Reguengos, o pessoal, indubiado pelo mestre de obras Medronho, criatura já celebrizada pelas suas proezas e de quem A Batalha já se tem ocupado, está trabalhando de sol a sol.

Ora isto representa um péssimo precedente, tanto mais que os trabalhos vão entrar em maior actividade, motivo por que os operários que assim despresam uma regalia conquistada pelo proletariado, à custa dos mais sangrentos sacrifícios, devem de reconhecer, negando-se, no seu próprio interesse, a submeter-se aos caprichos do sr. Medronho.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal «Aur» privilegiado e acreditado internacionalmente por ser a única que faz boa facha.

Cuidado com as imitações. DUZIA 550 isqueiros, rodós, tubos, pipos e tanques. Fornecedores: CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

SOCIEDADES DE RECREIO

Club Recreativo «Almeida Garrett» (Cascais). — Realiza-se no próximo domingo, às 21 horas, uma deslumbrante festa promovida pela Tuna Mistá do Conselho de Cascais, cujo programa é o seguinte:

1.ª parte — A hilaritante comédia em um acto «A ordem é risonhar». 2.ª parte — Um grandioso acto de «Folies Bergères», em que tomam parte por especial deferência distintos amadores. 3.ª parte — Grandioso baile abrilhantado pela Tuna Mistá do Conselho de Cascais, sob a regência do sr. António Pedro de Oliveira.

Grupo Dramático «Os Combatentes». — Hoje continuação da feirafraça e «skermes», seguindo-se baile até à 1 hora da madrugada.

Micha sorriu e perguntou a si próprio o que significaria esta última palavra.

— Sem dúvida, comer com adiver — decidiu ele, olhando de perto as filhas de letras alegremente espalhadas sobre a parede. E os dois vagabundos, segundo lhe parecia, deviam ter sido dois pandegos de bom gosto, prontos para tudo, esfarrapados, sempre meio famintos, mas nunca tristes; de nada tinham medo, vagueavam de cidade em cidade, quando podiam roubar um kopek, e assim viviam, semelhantes a aves de rapina entre os homens...

Micha releu os versos uma vez mais. Estas muralhas manchadas interessavam-no e pôz-se a rir...

Quivram-se passos arrastados para lá da porta e uma voz áspera grunhiu com cólera:

— Que tens?

Micha estremeceu e voltou-se: um olho frio e imóvel olhava-o pela abertura do postigo.

— Chamaste?

— Não.

— Então o que há? — perguntou o olho.

— Nada... era eu a rir-me — disse Micha.

O olho lançou em volta um olhar rápido; depois uma voz irritada, como a voz de alguém a quem tivessem insultado, veio-lhe do corredor.

— Aqui ninguém ri.

— É proibido? — inquiriu Micha incontinentemente.

Ninguém lhe respondeu. Um ruído de vozes chegou até ele misturado com

um tilintar de cadeias, o que produzia um barulho confuso, ao qual Micha não prestou atenção. Pôz-se a revê-la face comprida e magra do guarda, os seus olhos redondos e incolores, as suas sobrancelhas brancas e espessas, como brenhas, encobridoras da testa de pele amarelada e cheia de rugas.

— Fed! Imunda criatura! — regougualegum no corredor.

Depois estalaram risos; passou alidade, quando podiam roubar um kopek, e assim viviam, semelhantes a aves de rapina entre os homens...

Micha releu os versos uma vez mais. Estas muralhas manchadas interessavam-no e pôz-se a rir...

Quivram-se passos arrastados para lá da porta e uma voz áspera grunhiu com cólera:

— Que tens?

Micha estremeceu e voltou-se: um olho frio e imóvel olhava-o pela abertura do postigo.

— Chamaste?

— Não.

— Então o que há? — perguntou o olho.

— Nada... era eu a rir-me — disse Micha.

O olho lançou em volta um olhar rápido; depois uma voz irritada, como a voz de alguém a quem tivessem insultado, veio-lhe do corredor.

— Aqui ninguém ri.

— É proibido? — inquiriu Micha incontinentemente.

Ninguém lhe respondeu. Um ruído de vozes chegou até ele misturado com

um tilintar de cadeias, o que produzia um barulho confuso, ao qual Micha não prestou atenção. Pôz-se a revê-la face comprida e magra do guarda, os seus olhos redondos e incolores, as suas sobrancelhas brancas e espessas, como brenhas, encobridoras da testa de pele amarelada e cheia de rugas.

— Fed! Imunda criatura! — regougualegum no corredor.

Depois estalaram risos; passou alidade, quando podiam roubar um kopek, e assim viviam, semelhantes a aves de rapina entre os homens...

Micha releu os versos uma vez mais. Estas muralhas manchadas interessavam-no e pôz-se a rir...

Quivram-se passos arrastados para lá da porta e uma voz áspera grunhiu com cólera:

— Que tens?

Micha estremeceu e voltou-se: um olho frio e imóvel olhava-o pela abertura do postigo.

— Chamaste?

— Não.

— Então o que há? — perguntou o olho.

— Nada... era eu a rir-me — disse Micha.

O olho lançou em volta um olhar rápido; depois uma voz irritada, como a voz de alguém a quem tivessem insultado, veio-lhe do corredor.

— Aqui ninguém ri.

— É proibido? — inquiriu Micha incontinentemente.

Ninguém lhe respondeu. Um ruído de vozes chegou até ele misturado com

um tilintar de cadeias, o que produzia um barulho confuso, ao qual Micha não prestou atenção. Pôz-se a revê-la face comprida e magra do guarda, os seus olhos redondos e incolores, as suas sobrancelhas brancas e espessas, como brenhas, encobridoras da testa de pele amarelada e cheia de rugas.

— Fed! Imunda criatura! — regougualegum no corredor.

Depois estalaram risos; passou alidade, quando podiam roubar um kopek, e assim viviam, semelhantes a aves de rapina entre os homens...

Micha releu os versos uma vez mais. Estas muralhas manchadas interessavam-no e pôz-se a rir...

Quivram-se passos arrastados para lá da porta e uma voz áspera grunhiu com cólera:

— Que tens?

Micha estremeceu e voltou-se: um olho frio e imóvel olhava-o pela abertura do postigo.

— Chamaste?

— Não.

— Então o que há? — perguntou o olho.

— Nada... era eu a rir-me — disse Micha.

O olho lançou em volta um olhar rápido; depois uma voz irritada, como a voz de alguém a quem tivessem insultado, veio-lhe do corredor.

— Aqui ninguém ri.

— É proibido? — inquiriu Micha incontinentemente.

Ninguém lhe respondeu. Um ruído de vozes chegou até ele misturado com

um tilintar de cadeias, o que produzia um barulho confuso, ao qual Micha não prestou atenção. Pôz-se a revê-la face comprida e magra do guarda, os seus olhos redondos e incolores, as suas sobrancelhas brancas e espessas, como brenhas, encobridoras da testa de pele amarelada e cheia de rugas.

— Fed! Imunda criatura! — regougualegum no corredor.

Depois estalaram risos; passou alidade, quando podiam roubar um kopek, e assim viviam, semelhantes a aves de rapina entre os homens...

Micha releu os versos uma vez mais. Estas muralhas manchadas interessavam-no e pôz-se a rir...

Quivram-se passos arrastados para lá da porta e uma voz áspera grunhiu com cólera:

— Que tens?

Micha estremeceu e voltou-se: um olho frio e imóvel olhava-o pela abertura do postigo.

— Chamaste?

— Não.

— Então o que há? — perguntou o olho.

— Nada... era eu a rir-me — disse Micha.

O olho lançou em volta um olhar rápido; depois uma voz irritada, como a voz de alguém a quem tivessem insultado, veio-lhe do corredor.

— Aqui ninguém ri.

— É proibido? — inquiriu Micha incontinentemente.

Ninguém lhe respondeu. Um ruído de vozes chegou até ele misturado com

